7 2 (2005)

O Português em Contextos propriamente ditos: Os Fatores sócio-culturais no ensino/aprendizagem do português como segunda língua por coreanos*

Doobin Im**

<Abstract>

Este estudo tem por finalidade diagnosticar a influência dos fatores sócio-culturais e sua tradição educacional na Coréia do Sul, cujos valores ainda persistem hoje, relacionando-a ao ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras. Também tem por objetivo facilitar o entendimento entre os alunos coreanos e os professores brasileiros.

Ao observarmos alguns problemas relativos ao ensino/aprendizagem do português por alunos coreanos, notamos que esses mesmos problemas têm como base a doutrina confuciana que é naturalizada pelo aluno sul-coreano e ao mesmo tempo totalmente ignorada, desconhecida pelos professores brasileiros. Sugerimos então, como uma possibilidade de trabalhar a relação ensino/aprendizagem do português, externalizar estes obstáculos já naturalizados pelos alunos, de forma a otimalizar a interação entre esses alunos coreanos e professores brasileiros. O levantamento desse estudo diagnóstico constituirá uma base de informações para um ensino/aprendizagem

---

* 2004 11 24 -26 5 Português Língua Estrangeira)

(Universidade de Brasília)

** (SIPLE: Sociedade Internacional de .

por mais eficaz falantes de uma língua e cultura tipologicamente distante.

Key Words: Ensino-aprendizagem de português / Segunda língua / Fatores sócio-culturais / Cultura de aprender / Doutrina confunciana

: / 2 / /
/

. Introdução

1. Justificando e contextualizando o estudo

A questão da interpretação entre culturas de partida (um conjunto constituído por elementos sócio-linguístico-culturais que determinam a posição de sujeitos no país de origem) e de chegada (um conjunto constituído por elementos que determinam a posição de sujeitos dentro de um outro país) parece ser um dos pontos cruciais da problemática do ensino/aprendizagem das línguas estrangeiras. O mundo em sua conjuntura atual está dividido em países, ou seja, Estados em cuja definição moderna é necessária a definição de um território e de uma língua, que forma a identidade nacional de um país. A língua é constitutiva da formação do Estado/Nação e do pertencimento de um povo a este. É na realção a língua nacional que a identidade do sujeito se constitui, pois é nessa

organização política que o sujeito está inserido (Lima 2000). Neste sentido, o ensino/aprendizagem de uma segunda língua (doravante L2) sempre esforça-se por compreender uma tarefa de aproximar-se a posição de um outro sujeito, que possue outra identidade inserida numa outra organização sócio-histórico-cultural.

Na República da Coréia do Sul[1], há somente duas Universidades de Estudos Estrangeiros com departamentos de português a nível de graduação e de pós-graduação, embora o português seja a sexta língua mais falada no mundo e já oitava presente na Internet[2], a pesquisa sobre ensino/aprendizagem de português como língua estrangeira (doravante LE) para falantes nativos da Coréia do Sul, tampouco tem sido suficientemente realizada em épocas recentes. A ausência de pesquisas, tanto no Brasil quanto na Coréia do Sul, sobre o processo de ensino/aprendizagem de Português por parte de sul-coreanos é um dos motivos que justificam a apresentação deste trabalho.

Atualmente, as universidades e empresas privadas da Coréia do Sul enviam seus alunos e funcionários ao Brasil para desenvolver e resolver o problema da aquisição de português e do conhecimento acerca da cultura brasileira com o objetivo de possibilitar a realização de melhores negócios através da melhor comunicação com brasileiros[3]. Esta tendência é relevante

1) Doravante onde aparecer "Coréia do Sul", leia-se "República da Coréia do Sul".
2) Parvaux, S (1997), "Ensino de Português - Língua Estrangeira," Cadernos do Centro de Línguas, No. 1, p.79.

mencionar que no atual contexto econômico mundial e o Brasil, como um dos países economicamente potenciais chamados 'BRICs[4])', vem demonstrando nível crescente nas relações de negócios com outros países, incluindo a Coréia do Sul.

O conjunto de sul-coreanos que quer aprender português no Brasil pode ser dividido em dois: há aqueles que já aprendem português (como LE) e as informações gerais do Brasil e Portugal nas universidades da Coréia do Sul (universitários[5]) e aqueles que quase não aprenderam nada de português na Coréia do Sul e não têm muito informações sobre Brasil (grupos de funcionários de empresas privadas da Coréia do Sul e missionários[6]). Os dois grupos passam pelo mesmo tormento do desafio de aprender o português como L2 e ao mesmo tempo, de se adaptar na cultura nativa brasileira.

O processo de aprendizagem de português por falantes de coreano apresenta especificidades que não podem ser desconsideradas nos planejamentos de cursos tanto no Brasil quanto na Coréia. A preocupação com essas especificidades tem

---

3) Segundo a pesquisa "Foreign Language and Cross-Cultural Knowlege," (Foreign Language Anals - spring 1997: 39), o conhecimento insuficiente de línguas estrangeiras e a dificuldade em se ajustar as culturas diferentes causam prejuízos de US$ 2 bilhões por ano, em até 85% das companias norte-americanas que atuam no estrangeiro (tradução minha).

4) Sigla para os quatro países emergentes que a consultoria financeira americana 'Goldman Sachs' considera mais prováveis de estarem no topo da economia mundial nos próximos 50 anos: Brasil, Rússia, Índia e China.

5) Este grupo mostra mais a motivação intergrativa do que o outro

6) Mostra mais a motivação instrumental.

de ser evidenciada pela elaboração de materiais e pela adoção de procedimentos e estratégias de ensino que explorem as características sócio-culturais dos aprendizes e também as dificuldades causadas pela influência da língua materna.

2. Explicitação do objetivo do estudo

O objetivo geral desta pesquisa é diagnosticar as dificuldades no processo de aquisição da língua portuguesa por falantes nativos de coreano. Dentro desse objetivo geral, procura-se verificar o papel de fatores sócio-culturais no ensino/aprendizagem de português como L2, buscando obter intraviões sobre a natureza sócio-cultural. Essas intraviões servirão para direcionar futuros planejamentos de cursos de língua. Além disso, os resultados poderão ser contribuídos aos aprendizes e professores para aperfeiçoar a tarefa comum.

Nos cursos de Português para Estrangeiros[7] no Brasil, há várias situações de ensino criadas pela conjugação de diferentes variáveis: diferenças de idade, diferenças étnicas, graus de escolaridade, diferenças sociais e profissionais, interesses específicos. Acreditamos que o ambiente ideal seria ter alunos agrupados conforme essas variáveis, com conteúdos especificamente elaborados para cada grupo (Grannier e Lombello 1997, 44). Embora não seja possível, na prática, atender a todas

7) Doravante PE, leia-se "Português para Estrangeiros".

essas variáveis, ainda assim é melhor que os professores de PE conheçam as características de aprendizagem de cada grupo, a fim de favorecer interações bem sucedidas entre o professor e os alunos, contribuindo a que esses alunos aprendam a L2 mais eficientemente.

Os fatos descritos acima exigem, indubitavelmente, uma reconsideração do processo atual de ensino/aprendizagem da língua portuguesa por coreanos, analisando inclusive, além dos fatores lingüísticos, as relações sociais e culturais que exercem papéis cruciais neste processo. Uma contextualização sócio-cultural é sempre necessária quando se tem como objetivo o estudo de situações de contato de grupos étnicos diferentes, o que permite a compreensão dos fatores sócio-culturais no processo de ensino/aprendizagem de uma nova língua.

A partir de tal observação, decidimos investigar a questão de ensino/aprendizagem do português por coreanos, decisão esta motivada, em síntese, pelo fato de, até o momento, ainda não ser possível encontrar na literatura nenhum estudo sobre o uso do português como L2/LE por alunos coreanos em que se considerem os aspectos sócio-culturais.

Por fim, a questão mais precisa aqui, então, é "Por que eles percebem que a aquisição de L2 pelo falante nativo de língua e cultura[8]) tipologicamente distante é tão difícil?"

---

8) Segundo o etnólogo e antropólogo Lévi-Strauss, "a linguagem como produto da cultura"; "a linguagem é uma parte da cultura" e "a linguagem como condição da cultura". "O problema das relações entre linguagem e cultura é

. O papel dos fatores sócio-culturais no ensino/aprendizagem do português

A partir de observações assistemáticas de sul-coreanos, aprendizes de português como L2, pode-se dizer que, aparentemente, o grupo que já tem conhecimento gramatical de português não demonstra vantagem aparente quando tenta usar a língua portuguesa[9], se comparado com o grupo que não teve nenhuma instrução formal de conhecimento gramatical da língua-alvo. Portanto, o problema de fundo não parece ser de ordem puramente lingüística. Ao nosso ver, a raiz do problema poderia estar em outro lugar como mostraremos mais a frente.

1. A característica do papel dos fatores sócio-culturais no ensino/aprendizagem de LE/L2

O papel dos fatores sócio-cultirais tem sido extremamente examinado no campo de ensino/aprendizagem de L2/LE (Ellis 1994). Uma vez que os fatores sócio-culturais são realmente uma parte integral da língua(gem) e que padrões culturais, costumes e modus vivendi, também expressos pela língua(gem), podem influenciar a aprendizagem e o uso da língua(gem), estamos nos propondo, então, a conduzir um estudo numa

---

um dos mais complicados que existem."

9) No caso de profociência da língua falada.

perspectiva mais ampla a fim de evitar a concentração do estudo do sistema lingüístico, "considerado em si e per si", destacando principalmente, a interdependência entre língua e sociedade, entre língua e cultura, entre língua e pensamento.

Sobre o papel dos fatores sócio-culturais no ensino/aprendizagem de L2/LE, muitas pesquisas enfatizam largamente como resultados do relacionamento de aprendizes com o grupo de língua-alvo e menos em fatores resultados de as características de aprendizes[10] (ou relacionamento com seu grupo étnico próprio).

As características do aprendiz podem ser influenciadas, em grande parte, pela família, comunidade país e até língua. Parece ser indispensável determinar as características do aprendiz, no que diz respeito ao ensino/aprendizagem, em relação ao seu hábito cultural específico. Logo, será preciso considerar o inventário de todos os elementos do macrosistema e microsistema a que o aprendiz pertence. Portanto, a identificação do aprendiz, enquanto coreano, precede a identificação das características dele, enquanto aluno, já que a identidade do aprendiz determina parte de suas características.

O conceito de identidade foi usado primeiramente na psicologia. Segundo Laing, Philipsone Lee (1966), citado em Rossel: "Em concreto, (...), auto-identidade ("Eu" olho para

---

10) Por isso, coloquei no título do trabalho não 'para coreanos' mas 'por coreanos'. Tentei mudar o ponto de vista para trocar olhar de professores para alunos.

"mim mesmo") é constituída não só pelo nosso olhar para nós mesmo, mas também pelo nosso olhar para o olhar dos outros sobre nós e nossa reconstituição e alteração desses olhares dos outros sobre nós" (1982, 108).

A importância dada à perspectiva das outras pessoas mostra, claramente, que a identidade psicológica é dada socialmente. Esta conceptualização nos leva para o conceito de identidade cultural, ou seja, reconhecer-se como parte de um grupo específico, para pesquisar a aprendizagem do português por coreanos, que têm língua e cultura muito diferentes.

Segundo Erickson (1987), uma das razões para se adotar o conceito de cultura no contexto educacional é que a noção de cultura, entendida como maneiras compartilhadas por um grupo de atribuir sentido às ações sociais pode, dessa forma, revelar os padrões das ações e pressupostos subliminares à prática educacional. Esse conceito refere-se ao conhecimento intuitivo implícito (ou explícito) dos alunos constituído de crenças, mitos, pressupostos culturais e idealizações sobre como aprender línguas, conhecimento esse compatível com sua idade, nível sócio-cultural e baseado na sua experiência educacional anterior, leituras prévias e contatos com pessoas influentes (Barcelos 1995).

Almeida Filho (1993) enfatiza o caráter cultural das maneiras de se aprender LE/L2, relacionando-as com a região, etnia, classe social e grupo familiar, fatores que determinam o lugar

do sujeito. Segundo o autor, aprender uma língua não é somente aprender outro sistema, mas construir mo discurso[11] ações sociais e culturais apropriadas.

Por outro lado, acreditamos que o sucesso ou fracasso de ensino/aprendizagem de línguas residem freqüentemente nos processos interativos que caracterizam o contexto da sala de aula. No ambiente de imersão, pode acontecer um choque na sala de aula da L2, devido a ignorância ou mal entendimento entre professor e aluno que têm processos sócio-cultural-históricos bem diferentes entre si.

2. A Abordagem comunicativa, a cultura de aprender e a interção entre aluno e professor

O movimento da abordagem comunicativa de ensino de línguas, iniciado em meados da época de 70, realçou, para superar o behaviorismo contido no audiolingualismo, entre outros aspectos, o processo de aprendizagem. Ao considerar fatores sócio-culturais, essa abordagem abriu caminho para uma visão mais ampla e globalizada desse processo. Tornou-se preciso investigar, além dos fatores lingüísticos, os fatores afetivos, psicológicos, culturais e sociais que exercem papéis essenciais na aprendizagem de línguas.

Esse novo paradigma trouxe para o centro das preocupações

---

11) A partir de contextos sociais concretos e experiências prévias

com a aprendizagem, o interesse pelo principal agente desse processo na relação com o professor: o aprendiz, já que ele é vínculo essencial na cadeia educacional (Rosset, 1982). Segundo Almeida Filho (1997), o aluno é o principal agente no processo de aprendizagem. As condições devem ser criadas para que o aluno se engaje dinamicamente num esforço por conseguir autonomia e iniciativa, sem o permanente controle do professor.

Segundo Almeida (op.cit.), a importância de se saber a cultura de aprender línguas deve-se ao fato de que pode haver uma incompatibilização entre essa cultura e a abordagem do professor. Isso poderia resultar em resistência e dificuldade para o ensino e aprendizagem da língua-alvo. Quando se fala em cultura de aprender é preciso não esquecer que o que é feito em sala de aula e na escola recebe influência do que ocorre numa esfera maior da organização social. Assim, os aspectos mostrados pelos alunos e suas ações em sala de aula têm a ver com seus hábitos familiares, escolarização e papéis culturais reservados a eles e aos professores naquela sociedade. Cada aluno possui uma visão de mundo que é própria da cultura de seu contexto, região, país, etc, e que pode influenciar o seu modo de compreender a tarefa de aprender línguas.

Como Erickson (1986) afirma, as 'expectativas culturais' de alunos e professores podem causar dificldades na interação entre ambos, pois os professores podem perceber como "frustrante, confuso e às vezes, assustador", o fato do aluno não

agir de acordo com suas expectativas culturais (apud Barcelos, op.cit.). Acreditamos que o sucesso ou o fracasso de ensino/aprendizagem de línguas residem freqüentemente nos processos interativos[12] que caracterizam o contexto da sala de aula, isto é, as diferenças em como se aprende e como se ensina (Cavalcanti, 1991). É preciso que tanto os alunos como os professores saibam fazê-lo da forma mais produtiva.

Desta modo, o conhecimento da cultura de aprender línguas dos alunos possibilitaria, ao contrário, um trabalho mais consciente, visando ao sucesso na aprendizagem. Essa conscientização possibilitaria a existência de um aprendiz com baixo 'filtro afetivo'[13] e de um professor mais apto para a tarefa de ajudar outras pessoas a aprender a L2.

Como evidência dessa questão, podemos observar alguns exemplos: geralmente, os alunos sul-coreanos sentem no Brasil uma rejeição na vida cotidiana no seu primeiro tempo. Ao observarem as diferenças sócio-culturais, percebem a complexidade dos significados assim como reconhecem na sua própria cultura; e ao tentar interagir na sociedade brasileira, optam pelo comportamento que eles adotariam na sua própria

---

12) O foco sobre interação na sala de aula tem a ver com a validade da Hipótese do Insumo de Krashen (1982). Três razões justificam esta hipótese: a) A produção do aprendiz funciona como insumo para o processo da aquisição do próprio aprendiz; b) A produção do aprendiz também funciona como insumo para outros aprendizes na sala de aula; c) O que o aprendiz diz pode determinar o que acontecerá depois (Edmonson 1991, 182).

13) Junto com a noção de 'insumo compreensível', a noção de 'filtro afetivo' é um dos pontos altos da teoria de Krashen (op.cit).

cultura (a partir de sua identidade coreana) para interpretar essa complexidade dos significados. Assim como eles mostram o estereótipo cultural que vai, por vezes, simplificar ou generalizar aspectos da outra cultura a partir de seus próprios critérios.

Para eles existe um conceito prévio comum, assim como: "a cultura brasileira nunca é, nem nunca será, inteiramente compreensível para quem vem de fora ou até para quem é daqui"[14]. Neste sentido, vamos olhar alguns depoimentos interessantes que os sul-coreanos mostram sobre Brasil através de entrevista com a professora brasileira durante aula de português para estrangeiros no Brasil:

1) Eu não gosto de jeito feminino de falar dos brasileiros por isso, às vezes, perco a vontade de falar com brasileiros. (quantidade de fala, intonação e rítimo da fala)
2) Eu não consigo entender o modo de pensamento do povo brasileiro. Quem será anormal?
3) Por que eles costumam fazer a marca de confirmação como "viu?", "né?", "entendeu?" etc Será que aqui eles não tem confiança entre si? Por que eles freqüentemente utilizam uma confirmação ao final da enunciação?
4) Aparentemente, parece que é fácil fazer amizade com brasileiros, mas realmente não é fácil conseguir manter

14) Baseado em depoimentos pelos alunos coreanos durante aula de português no Brasil. É interessante saber que esse enunciado mensionado acima também faz parte do discurso fundador da identidade nacional por brasileiros.

amizade com eles. Por falta de proficiência do português? Ou por a diferença da cultura?

5) Eu sempre fiquei confuso ao olhar o Brasil. Em algumas partes ele é muito desenvolvido, em outras partes é muito pouco. Qual é a cara verdadeira do Brasil?
6) Brasileiro gosta de levar vantagem em tudo.

Por outro lado, há depoimentos interessantes de uma professora de português:

1) Por que os alunos coreanos ficam quietos sem perguntas durante aula? Por que não querem responder voluntariamente?
2) Por que os coreanos não falam português entre si dentro e fora da aula em situação de imersão?

Assim, de modo geral, os sul-coreanos não estão conseguindo compreensão do Brasil, ou seja, uma adaptação (ou aculturação) e a professora não consegue entender bem os alunos. Estes sempre costumam se reunir para compartilhar seus estresses e evitar o sentimento de isolamento num país estrangeiro. Por isso, embora eles estejam no exterior, falam mais a sua língua materna do que a língua-alvo. O fato mais importante é que esses obstáculos podem influenciar aspectos negativos na aprendizagem do português em situação de imersão. Logo, não conseguem adquirir L2 com sucesso. Pelos depoimentos (1), (3)

dos alunos, nós percebemos que percepção da vitalidade etnolingüística do seu próprio grupo pode influenciar sua proficiência de L2. A vitalidade etnolingüística se refere a visão do grupo sobre sua força e viabilidade como medida por percepções de suas posições, demográficas, e suporte institucional.

Sobre a questão (2) apontada pela professora, sabemos que existe um hábito indiscutível do uso da L1 entre eles no exterior[15]. Parece que isso também funciona como um bloqueio na aquisição da L2. No caso dos imigrantes coreanos podemos observar o mesmo fenômeno relatado numa dissertação sobre "Socialização de Jovens Imigrantes Coreanos", defendida na USP, 1993.

. A Influência do Confucionismo para Alunos Coreanos no ensino/aprendizagem

Esta parte do estudo tem por finalidade identificar as raízes da sociedade confuciana e sua tradição educacional na Coréia do Sul, cujos valores ainda persistem hoje, relacionando-o ao

15) Há um sistema honorífico que funciona na língua coreana e que impede uso de qualquer outra língua que não seja sua própria quando estes falam entre si. Parece haver uma quebra de hierarquia social que incomoda profundamente amboso locutor e alocutário coreanos quando estes falam em português ou qualquer outra língua. Esse sistema honorífico tem como base a doutrina Confuciana (ver Cap. III).

ensino/aprendizagem de língua estrangeira e segunda. Tem também por objetivo facilitar o entendimento entre os alunos orientais (sentido amplo) e os professores falantes nativos de português.

1. A doutrina confuciana como fator sócio-cultural no campo educacional

A influência do Confucionismo no campo educacional pode ser ilustrada pela discussão da predominância do professor-centrado, do texto-centrado e da gramática-centrada em institutos da Coréia do Sul. Essas características tem como base o seu passado histórico e sua tradição filosófica. Esses fatores identificam a atitude do aprendiz no ensino/aprendizagem de L2 ou LE que tem origem em processos de 'naturalização'[16].

Na sociedade oriental a escola tem um papel essencial. Ela é sustentada, em grande parte, pela sociedade, os pais tem obrigação de mandar seus filhos na escola. O estilo do ensino que é realizado na sala de aula reflete um acesso efetivo para educação que, por sua vez, é influenciada pela tradição e história dessa sociedade. O ensino/aprendizagem de L2/LE por sul-coreanos, portanto, não deve ser visto sem considerar seu

16) Efeito de sentido ocasionado pela historicidade e tradição filosófica oriental que torna natural a relação ensino/aprendizagem, nesse caso em escolas sul-coreanas.

contexto histórico, como mencionado acima. Embora haja, na educação sul-coreana, vários pontos positivos, alguns problemas educacionais são causados por sua herança cultural, chamado "Confucionismo", de origem da China (Xiao 1997).

Antigamente o Confucionismo na Coréia do Sul era um sistema educacional, cerimonial e de administração civil. O exame de seleção para o funcionalismo público, em Coreano 'Kwago', copiado do sistema chinês do final do século X, incentivou sobremaneira os estudos dos clássicos confucionistas e marcou indelevelmente os valores confuncionistas na alma dos coreanos. Ainda mesmo nos dias de hoje, não se pode dizer que o povo coreano tenha abdicado dos costumes, hábitos e pensamentos impregnados pelos ensinamentos de Confúcio como um critério da vida, especialmente na área de educação (Kim 2001).

A essência da doutrina Confuciana é um tipo de integridade moral, em outras palavras, 'amor benévolo.' Em geral Confucionismo é definido como "reprimir um ego e observar a ordem suprema de rituais". Caso o povo tenha adquirido benevolência, isto é, se eles acreditam e praticam as maneiras próprias e cerimônias demarcadas pela ordem suprema, a harmonia social poderá ser realizada, o bom governo poderá ser alcançado, mulher e velhos poderão manter suas posições determinadas e a paz eterna e a ordem serão mantidas (Kim 2003).

2. A Influência do Confucionismo no ensino/aprendizagem de LE/L2

Mas, o que é 'a ordem suprema Confuciana' e por que esta foi citada como uma pregação? Todo mundo deve saber sua posição, deve fazer o papel social atribuído a ele mas nunca deve ultrapassá-lo; por exemplo, subordinado não deve enveja seu soberano, nem filho deve usurpar os privilégios de seu pai. Dentro de Confucionismo, a família pode ser considerada como um Estado em miniatura e portanto sua estrutura é cuidadosamente mantida.

A doutrina do Confucionismo foi, principalmente, sustentada por sua filosofia educacional. Essa doutrina reflete a integridade moral, as qualidades éticas, que regulam a afinidade entre as pessoas e mantém a harmonia social que é realizada através do treinamento e da disciplina. O Confucionismo focaliza introspecção e auto-reflexão, com menos referência a pesquisa do objeto, mundo material. Estes valorizavam o silêncio mais do que a fala.

A hierarquia social com base no Confucionismo foi transplantada para a sala de aula. As palavras do professor foram sempre verdade e a verdade deve ser propagada e memorizada mas não deve ser questionada. Esta atitude de aprendizagem provocaria ponto negativo sobre a criatividade da linguagem dos alunos. Em nossa opinião, o filme do diretor chinês Zhang Yimou, Nenhuma Menos (1999), ilustra muito

bem, no início, a influência da doutrina confuciana na sala de aula.

Embora haja várias mudanças sociais radicais atualmente, o Confucionismo ainda está funcionando no campo educacional e na sociedade coreana. O problema do ensino/aprendizagem de LE na Coréia do Sul como conseqüência dessa doutrina pode ser resumido como segue: professor-centralizado, texto-centralizado e gramática-centralizada, tudo estampado com a marca do Confucionismo. Estes fatos históricos reproduzem o fato de que o ensino de línguas é basicamente orientado para ajudar alunos a passarem em vestibular, com seu foco na gramática e tradução de textos, em vez de promover a comunicação oral. Essa experiência continua a afetar os alunos também no ensino/aprendizagem do Português como L2 em situação imersão.

A respeito de experiência educacional anterior no processo de aprendizagem, Fernandes, Ellis & Sinclair alertam para o fato de que os adultos aprendizes de LE, uma vez em sala de aula, na posição de alunos adotam o papel tradicional de esperar que alguém lhes diga o que fazer, ou qual material utilizar. Além disso, existem também algumas atitudes e fatores prejudiciais ao processo de aprendizagem que podem resultar na dependência excessiva do professor. As razões atribuídas pelos autores a essas atitudes prejudiciais devem-se a: (1990, 101)

a) uma experiência escolar anterior baseada em uma

abordagem estruturalista, que contribui para que o aluno veja o professor como responsável pela aprendizagem;

b) um preconceito lingüístico que leva os alunos a considerar a língua-alvo inferior à sua, e vice-versa, a nosso ver;

c) inibição de se comunicar em uma língua não-familiar por medo de 'perder a face' em frente aos colegas ao tentar usar a língua-alvo;

d) falta de correspondência entre expectativas do aprendiz sobre como deve ser a aprendizagem e os método utilizados pelo professor.

Segundo os autores, devido a todos os fatores, que podem ser advindos de experiências educacionais passadas, os alunos se colocam objetivos, muitas vezes difíceis de alcancar, ocasionando frustração e desmotivção.

. Conclusão

No capítulo I, contextualizamos a questão da relação ensino/aprendizagem do português por alunos falantes de línguas tipologicamente distantes. Nesse caso, alunos sul-coreanos. No capítulo II, apontamos o papel dos fatores sócio-culturais como fatores extralingüísticos no ensino/aprendizagem de língua portuguesa como LE/L2. No capítulo III, definimos a doutrina confuciana bem como seu relacionamento com ensino/aprendizagem de línguas.

Em resposta à pergunta de pesquisa que norteou este trabalho, foi verificado que a experiência anterior de ensino/aprendizagem de línguas dos alunos exerce influência na sua cultura de aprender. A partir dos problemas relativos ao ensino/aprendizagem de L2, em particular, a língua portuguesa, por alunos sul-coreanos apontados nos seus depoimentos, podemos chegar algumas conclusões:

a) Há problemas de atitude de aprendizagem de alunos coreanos
b) Falta de entendimento de professores brasileiros sobre a cultura de seus alunos.
c) Há problemas na interação entre professores e alunos

Concluímos que grande parte desses problemas tem como base a doutrina confuciana como o mecanismo principal no campo educacional que é naturalizada pelo aluno sul-coreano e a mesmo tempo totalmente ignorada, desconhecida pelos professores brasileiros. Sugerimos então como uma possibilidade de trabalhar a relação ensino/aprendizagem do português, externalizar estes obstáculos já naturalizados pelos alunos, ou seja, que estão no subconsciente dos alunos, de forma a otimizar a interação entre alunos e professores.

Sem dúvida, a aprendizagem de uma língua estrangeira deve garantir aos alunos seu engajamento discursivo, ou seja, a capacidade de se envolver e envolver outros no discurso. Isso

]pode ser viabilizado em sala de aula por meio de atividades pedagógicas otimalizando a motivação de alunos e a interação entre alunos e professores

A importância desta pesquisa revela-se pela possibilidade de resultados que possam auxiliam o direcionamento de reflexões sobre as especificidades que devem ser consideradas no desenvolvimento de uma metodologia para o ensino de línguas tipologicamente distantes, focalizando o ensino de português para falantes de coreano e possivelmente até o ensino de coreano para falantes de português.

Referência bibliográfica

1.

(kim) (2001), , .
(Kum) (2003), , .
(1996), - ,
.

Almeida Filho, J.C.P (1993), Dimensões Comunicativas no Ensino de Línguas, Campinas: Pontes Editores.

_____ e Lombello, L.C. (orgs.) (1997), O Ensino de Português para Estrangeiros 2a edição, Campinas: Pontes Editores.

Barcelos, A. M. F (1995), "A Cultura de Aprender Língua

Estrangeira de Alunos Formados em Letras," Dissertação de Mestrado, Campinas: Unicamp.

Cavalcante, M.C. e Moita Lopes, L.P (1991), "Implementação de Pesquisa na Sala de Aula de Línguas no Contexto Brasileiro" in: Trab. L.A (17), Campinas, pp. 133 - 144.

D'Agruma, G. e Hardy, J.T (1997), "Foreign Languages and Cross-Cultural Knowledge: A Survey of their Importance as Perceived by Human Resources Departaments of Ohio's International Businesses" in Foreign Language Anals - Spring.

Dörnyei, Z. (2001), Teaching and researching motivation, Harlow: Longman Pearson Education Ltd.

Ellis, R (1994), The Study of Second Language Acquisition, Oxford: Oxford Univ. Press.

Erickson, F (1987), "Conceptions of School Culture: an overview." Educational Administration Quarterly, Vol. 23, No. 4, pp. 11 - 24.

_____ (1986), "Qualitative Methods in Research on Teaching" in M.C. Wittrock (org.), Handbook of Research on Teaching, New York: Macmillan.

Fernandes, J., Ellis, G., & Sinclair, B (1990), "Learning how to learn" in Crookall, D & Oxford, R.L. Simulation, gaming and language learning. New York: Newbury House, pp. 101 - 108.

Grannier, D.M. e Lombello, L.C (1997), "A Anterioridade do

Lingüístico no Planejamento de Programa de Ensino de Segunda Língua", in Almeida Filho e L.C. Lombelo (orgs.), O Ensino de Português para Estrangeiros 2a edição, Campinas: Pontes.

Kang, S (1993), "Socialização de Jovens Imigrantes Coreanos," Dissertação de mestrado, São Paulo: USP.

Krashen, S.D (1982), Principles and Practice in Second Language Acquisition. Oxford: Pergamon.

Lier, L.V (1994), The Classroom and the Language Learner, 4a edição, New York: Longman, pp. 53 - 70.

Lima, B (2000), A Língua portuguesa e a unidade do Brasil, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.

Parvaux, S (1997), "Ensino de Português - Língua Estrangeira" in Cadernos do Centro de Línguas, No. 1, pp.69 - 79.

Rossel, E (1982), "Needs, Cultural Identity and Foreign Language Teaching" in R.T. NASAR., S.ODUNUGA E.ROSSEEL. e C.Y.SILVA. (orgs.), Foreign Language Teaching and Cultural Identity São Paulo: Instituto de Idiomas Yázigi, pp.105 - 112.

Xiao Hong Wen (1997), "Motivation and Language Learning with Students of Chinese" in Foreign Language Anais, 30, No.2, pp. 235 - 251.

2.

Marchall, k. Survey of Less Specialist Language Learning in UK Universities (1998-99), University Council for Modern Languages. http://language.hull.ac.uk/scml/langs/KthMarshall.pdf

Confucionismo http://www.cacp.org.br/confucionismo.htm

3.

Zhang Yimou (1999), Nenhana Menos, China.

: 2005 11 10
: 2005 12 1